

Consumo e a perda de sentido no Jazz

Mônica W. Nascimento*

Resumo

Este texto pretende analisar a crítica que Theodor Adorno faz da estandardização e do arranjo como diluidores da música, em especial no jazz, tomando como ponto de partida a história do Jazz como foi escrita por Marshall Stearns.

Abstract

This article intends to analyze Theodor Adorno's criticism to the practice and use of standards and arranges in mass music, and especially in jazz music, taking Marshall Stearns' *The Story of Jazz* as a starting point.

No capítulo sobre a Era do Swing e dos Revivalistas, no seu livro *The Story of Jazz*, Marshall Stearns escreve, em determinado momento, sobre Benny Goodman. Ele conta que naquela época, se um músico queria gravar uma música popular, as gravadoras insistiam para que ele usasse um arranjo padrão, que tornasse a música reconhecível (e, para Stearns, sem inspiração) aonde quer que fosse ouvida. Existia uma pressão para que os músicos tocassem de maneira antiquada e simplificada, facilmente assimilável ao público em geral.

Numa turnê com sua banda pelos Estados Unidos, Goodman sentiu na pele a importância do uso de arranjos padronizados. Quando tocavam "hot"¹, sem essa padronização, e de maneira mais espontânea, era comum que fossem recebidos nos clubes de jazz com pouco entusiasmo. Para manter a plateia, Goodman passou a utilizar novamente esses arranjos mais facilmente reconhecíveis, mas isso fazia com que o moral da banda caísse a cada apresentação. Até a noite em que foram tocar no Palomar Ballroom em Los Angeles. A banda iniciou seu set com versões aguadas, e o público reagiu com

* Estudante do curso de Filosofia da PUC-SP

¹De forma improvisada e bem mais livre do que o standard – que por sua vez já pré determinava exatamente como a música deveria ser tocada.

certa indiferença. Goodman, chateado com os resultados de sua turnê até então, decidiu que, se era para a banda terminar, que pelo menos se divertissem. A segunda metade da apresentação, então, foi tocada de maneira “hot”, a maneira como sua banda realmente gostaria de tocar – e foi incrivelmente recebida de maneira explosiva no Palomar. Assim nasceu a Era do Swing.

No texto *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição*, Theodor Adorno critica toda a música popular de sua época – o jazz –, de maneira radical. Mas, no que concerne ao arranjo, Adorno parece ter uma visão bastante acurada e uma posição semelhante àquela expressada por Stearns.

Para Adorno, os “arranjos” dominam amplamente a música. Essa prática consiste em separar elementos de músicas conhecidas e isolá-los, arrancando-os do contexto original e os deixando coisificados, transformados agora em mercadoria consumível. Os arranjadores costumam ser, para ele, os únicos músicos que possuem alguma formação, e utilizam essa formação para manipular os bens da cultura de forma a gerar mais lucros.

Adorno escreve que o objetivo primordial era tornar o que ele chamou de “grande música” assimilável às massas. Apesar de suas críticas ao Jazz, Adorno aqui parece ter opinião semelhante à de Stearns (e à de Goodman), de que o arranjo serve para tornar a música mais palatável (e, portanto, consumível) ao grande público.

Esse processo de coisificação, segundo Adorno, produz uma aparência de intimidade, de familiaridade entre o público e o bem cultural. Adorno sustenta uma posição platônica ao longo de seu texto, ao argumentar em favor de uma essência que, por força da mercantilização da cultura, se perde, restando então apenas a aparência – a ser consumida pelo público.

Para Adorno, o uso de arranjos determina uma diluição da música, que acaba tornando-se não apenas fraca em si, mas enfraquecedora. Permite que o ouvinte se abandone tranquilamente à melodia dominante, aceitando sem restrições aquilo que lhe é imposto pela indústria cultural. Assim como a própria música, o ouvinte é manipulado, levado a esquecer-se de si mesmo e distrair-se com o entretenimento vazio fornecido pelo arranjo musical. E mais do que isso, essa prática parece ser particularmente nociva, aos olhos de Adorno,

porque pretende se passar por alta cultura, enquanto a verdadeira música desaparece cada vez mais.

Em conclusão, Adorno parece criticar a estandardização e o arranjo como diluidores da música, em especial do jazz, porque esses artifícios não apenas levam ao desaparecimento da verdadeira música, tendo sido agora substituída por pálidos simulacros, como também incentivam um sistema de mercantilização da cultura que, por sua vez, incentiva um comportamento cada vez menos crítico e mais alienado da parte do ouvinte – que agora deixa de ser ouvinte e apreciador para se tornar cada vez mais mero consumidor. Assim, a música se esvazia de significado, e a vida se esvazia de sentido.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. (1980). O Fetichismo da Música e a Regressão da Audição. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural.

STEARNS, Marshall. *The Story of Jazz*. Oxford University Press, 1956.